

# REFLEXÕES SOBRE A EMPATIA EM UMA RELAÇÃO DE ENSINO

## LES RÉFLEXIONS SUR L'EMPATHIE DANS UNE RELATION D'ENSEIGNEMENT

Mayara Camila Souza Fernandes<sup>1</sup>, Jefferson dos Santos Melo<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Acadêmica de Psicologia da Faculdade Estácio de Macapá, Macapá, Amapá. E-mail: mayarafernandespsi@gmail.com

<sup>2</sup> Psicólogo, Especialista em saúde mental e Docente pela Faculdade Estácio de Macapá, Macapá, Amapá. E-mail: jefpsicologo2015@gmail.com

### Palavras-chave

Abordagem Centrada na Pessoa  
Aprendizagem Significativa  
Empatia  
Relações de Ensino.

As relações de ensino influenciam o processo de ensino e aprendizagem diretamente. Pensando nisso, este estudo objetivou investigar na literatura as contribuições que a empatia pode promover à relação de ensino a partir de pressupostos básicos da Abordagem Centrada na Pessoa e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem. O método bibliográfico a nível exploratório possibilitou a compreensão dos fatores que contribuem para a ocorrência dos fenômenos da empatia na relação professor-aluno. Os resultados revelaram que há mudanças e implicações positivas nestas relações quando construídas através da empatia, viabilizando uma aprendizagem significativa, criativa e que promova o crescimento, tanto do aluno como do professor, favorecendo assim um espaço de maior compreensão e trocas mais efetivas. Além disso, é fundamental refletir sobre mudanças necessárias nos currículos e nas relações, onde tão importante como o ensino das línguas e da matemática, deve haver protagonismo social, o trabalho em equipe, a criatividade e a empatia que ainda são desconsideradas pelas escolas, professores e familiares. É chegada a hora de compreender e buscar essas competências para que as relações de ensino sejam mais humanas e valorizadas.

### Mots-Clé

Approche Centrée sur la Personne  
Apprentissage Significatif  
Empathie  
Relations d'enseignement

Les relations d'enseignement influencent le processus d'enseignement et d'apprentissage directement. Pour ça, cet étude a objectivé enquêter dans la littérature les contributions que l'empathie peut promouvoir à la relations d'enseignement à partir d'hypothèses basique de thème centré sur la personne et ses implications dans les processus d'enseignement et d'apprentissage. Le méthode bibliographique dans le niveau explorateur a possibilité la compréhension des facteurs qui contribuent pour l'occurrence des phénomènes d'empathie dans la relations professeur-élève. Les résultats indiquent qu'il y a des changements et implications positifs dans ces relations quand ils sont construits par l'empathie, permettre l'apprentissage significatif, créatif et que permettre le développement, tant d'élève avec le professeur, contribuant ainsi à un espace de meilleure compréhension et plus d'apprentissage mutuel. En plus, c'est fondamental réfléchir sur les changements nécessaires dans les programmes/lettres et dans les relations, qui sont aussi importants que l'enseign des langues et de mathématiques, il doit y du protagonisme social, le travail en équipe, la créativité et l'empathie qui encore sont déconsidéré pour les écoles, professeurs et familial. C'est arrivé l'heure de faire la compréhension et chercher ses compétences pour faire que les relations d'enseignement soit plus humaine et valorisée.

## INTRODUÇÃO

A empatia tem sido um tema estudado por diversas áreas do conhecimento, da crítica literária à psicoterapia. Mesmo que haja divergências sobre sua definição, é considerada por muitos um fator importantíssimo para facilitar a relação terapêutica (O'HARA, 2019). É um processo que busca se aproximar das vivências do outro, levando em consideração toda a sua subjetividade, seu vivido, sentir seus sentimentos, mas sem se afastar do seu eu para não haver um processo de identificação.

Carl Ransom Rogers contribuiu muito com a construção do sentido da empatia, oportunizando-a a ser pensada e vivida em todos os campos e contextos como a saúde e a educação. Geralmente, quando falamos em educação a pensamos como uma formação constituída de um conjunto de atividades estruturadas que podem ensinar o aluno a perceber e interpretar códigos, a ter uma análise crítica quanto ao avanço da ciência e da tecnologia, por exemplo, mas na maioria das vezes não pensamos em uma educação

para além de variantes cognitivas, como atributos ligados à emoção e a afetividade.

A Abordagem Centrada na Pessoa apresenta um novo olhar sobre as relações de ensino, uma nova maneira de se relacionar, pautada nos seus pressupostos básicos, levando em consideração que o ser humano é dotado de uma capacidade inata para o crescimento e o desenvolvimento, uma energia que o impulsiona para a autopreservação, um potencial para a vida. É a partir dessa crença que todos os seres têm para evoluir e se autogerir que se deve repensar os processos de educação, um ensino não apenas fundamentado no objetivismo, mas uma proposta de autonomia e liberdade para que os alunos possam se implicar e participar da construção do seu aprendizado, levando em consideração todo o seu eu (ROGERS, 1972).

Este estudo busca compreender como a empatia pode influenciar uma relação de ensino, e investigar na literatura as contribuições que a Abordagem Centrada na Pessoa pode acrescentar ao processo de ensino e aprendizagem. Tem como foco as relações entre professores e alunos, já que se

observa essas interações ainda muito engessadas e pautadas em um relacionamento onde o educador detém o poder para ensinar o que é determinado, sem levar em consideração as vivências, subjetividades e interesse dos alunos.

Diante disto, a construção deste artigo é voltada para o olhar de uma relação de ensino construída através da empatia, onde possa haver impactos positivos no ensino aprendizagem e em como essas relações são vivenciadas, com uma aprendizagem mais criativa, mais participativa e que promova o crescimento, tanto do aluno como do professor, favorecendo assim um espaço de maior compreensão e trocas mais efetivas.

## MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica de cunho exploratório, que segundo Gil (2008) é uma pesquisa que se preocupa principalmente em identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Sua abordagem é qualitativa que de acordo com Gerhardt e Silveira (2009) investiga aspectos da realidade que não podem ser quantificados, preocupando-se com a compreensão e explicação da dinâmica das relações.

O estudo foi realizado a partir de sites, artigos científicos, teses e dissertações publicados em plataformas científicas, sendo estas: Capes (Portal de Periódicos da CAPS/MEC), Google Acadêmico (Google Scholar), Lilacs (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e Scielo (Scientific Electronic Library Online). Os seguintes descritores serviram como base para a investigação: “Abordagem Centrada na Pessoa”, “Aprendizagem Significativa”, “Empatia” e “Relações de Ensino”.

Fizeram parte da pesquisa livros do autor Carl Rogers por seus estudos serem a base primordial deste artigo. Destacou-se também o uso da obra das autoras Esther Carrenho, Márcia Tassinari e Marcos Alberto da Silva Pinto por ser de suma importância e relevância para os estudos sobre a abordagem. Ademais, obras de outros autores que se relacionaram a temática, para enriquecimento da pesquisa e com conteúdo de relevância para o estudo, foram levados em consideração.

Devido a necessária busca do tema, não foram atribuídos períodos específicos a nenhuma das publicações utilizadas, de acordo com a relevância científica de objetos de estudo ligados aos descritores, sendo assim os materiais que não corresponderam aos critérios citados, foram excluídos da análise.

Para a elaboração do artigo foi necessário descrever a empatia, apresentar as contribuições da Abordagem Centrada na Pessoa à educação e como a empatia pode influir no processo de ensino aprendizagem.

Dessa maneira, o corpo do texto foi dividido em 4 tópicos, sendo eles: Empatia: do Início às Contribuições de Carl Rogers, A Abordagem Centrada na Pessoa na Educação, A Empatia no Processo de Ensino Aprendizagem e Considerações Finais. No primeiro tópico foi realizado um breve histórico do termo empatia, da palavra grega “*empathia*” à compreensão de Carl Rogers sobre o tema. No segundo tópico são apresentados os pressupostos básicos da abordagem e a sua

contribuição para a educação. No terceiro tópico destaca-se como a empatia influencia no processo de ensino aprendizagem. Por último, no quarto tópico, enfatiza-se o objetivo geral desta pesquisa que é refletir sobre as contribuições que a empatia pode promover a uma relação de ensino.

## EMPATIA: DO INÍCIO AS CONTRIBUIÇÕES DE CARL ROGERS

O termo empatia deriva da palavra grega “*empathia*”, que foi muito utilizada na estética por Lipps, Brentano e Robert Vischer, e tinha como significado a “paixão” ou “ser muito afetado”. Estes autores descreveram o *Einführung*, como um processo de imitação interna que acontece ao apreciar obras de arte, no qual a projeção do self trazia sentimentos de admiração e unicidade, e propriedades subjetivas podiam ser sentidas das obras, como se essas tivessem vida (SAMPAIO; CAMINO; ROAZZI, 2009).

Lipps afirma que possuímos um instinto natural de imitar as expressões e movimentos de objetos físicos ou sociais e esta é a razão por nos emocionarmos com obras de arte e com o que o outro nos mostra dele, mesmo que esta teoria tenha sido controversa ela foi traduzida para o inglês por Titchener (NERYS, 2019).

Edward Titchener, foi o primeiro a traduzir o termo *Einführung* para *empathy*, em 1909. Ele a descrevia como a capacidade de conhecer a consciência de outra pessoa e de pensar de forma semelhante a ela através de um processo de identificação interna. Acreditava que pessoas com o mesmo nível intelectual e moral poderiam compreender-se (WISPÉ, 1986).

Muitos estudos vêm sendo realizados sobre o termo Empatia desde sua inserção na psicologia, com o objetivo de compreender como ela se desenvolve e quais relações tem com outros aspectos que influenciam a vida em sociedade (PIRES; ROAZZI, 2016). Com isso, vários autores debruçaram-se sobre o tema e é normal que muitas definições sejam encontradas. E ainda de acordo com os autores, por ser um tema de elevada importância e diversas compreensões é necessário deixar claro ao leitor qual o conceito de empatia será utilizado.

Seguindo as percepções de Carl Rogers que foi um dos influenciadores sobre temas relacionados a empatia tanto para a clínica psicológica como para a educação, o estado de empatia ou ser empático é perceber o quadro de referência interno do outro de acordo com os seus significados e sem perder a condição “como se”. Significa sentir seus sentimentos e perceber as causas, mas sem perder a consciência de que estas são questões do outro, para não haver um estado de identificação (ROGERS, 1959). Nerys (2019) diz que é preciso ser autêntico e ter consciência de onde estamos para podermos ir ao encontro do outro, ‘colocando-se no seu lugar’.

Segundo Insfrán (2019), esta capacidade de se aproximar do outro “como se”, mostrando que ele pode ser compreendido e respeitado, por mais que haja muitas

diferenças de visões de mundo e valores entre eles é o que se propõe como empatia na educação. Um espaço que possa ser de escuta e respeito à diversidade, o que vai muito além da relação professor-aluno.

O'Hara (2019) diz que a empatia tem o poder de fortalecer e criar laços em qualquer relação e pesquisas apontam fortemente que a empatia é o ingrediente-chave da vida social humana. A maneira que nos disponibilizamos para estar com o outro possibilitando um contato e cuidado mútuo, seja para realizar negócios ou conseguir algo que almejamos, está relacionada à conexão empática que é estabelecida e por muitas vezes a negligenciamos.

Por fim, “[...] não a chamaria mais de um ‘estado de empatia’, pois acredito que ela seja mais um processo que um estado. Talvez eu consiga apreender esta qualidade” (ROGERS; ROSENBERG, 1977, p. 73).

## **A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA E A EDUCAÇÃO**

Carl Rogers foi precursor da Abordagem Centrada na Pessoa, mas não gostava de ser denominado seu dono, abriu mão deste título por toda a vida. A abordagem é de todos que a pensam e vivem e cada um é responsável em recriá-la a partir de suas reflexões e atitudes, com responsabilidade (PINTO, 2010)

Amatuzzi (2012, p. 62) aponta que “A ACP, então, não é sinônimo de psicoterapia. É algo mais geral, um modo de ser, uma atitude diante da vida ou diante das relações que construímos”. Ou seja, muito mais que na clínica psicológica, esta abordagem é um jeito de ser que cabe em todos os campos das atividades humanas, em empresas, na escola e nas relações interpessoais, por exemplo.

De acordo com Pinto (2010), a abordagem se diferencia por não haver técnicas que guiem o fazer do psicoterapeuta ou educador, é necessário acreditar em uma condição natural da pessoa para sentir, se autogerir e direcionar o caminho que quer seguir de acordo com suas necessidades, compreendemos esse processo como a tendência a atualização, é o ponto central desta proposta. Essa tendência é inerente a todos os seres, é uma energia que se direciona a autopreservação, ao crescimento, um potencial para a vida.

Rogers diz que os seres humanos, assim como todos os organismos vivos, têm a capacidade de crescer e se atualizar, ele exemplifica esta afirmação em uma entrevista feita à revista *Veja* em 1977, onde conta que guardava batatas no porão de sua casa na fazenda. Lá havia uma pequena janela e esse era o motivo das batatas criarem brotos, mesmo não estando em solo fértil, era a tentativa que o organismo tinha de se satisfazer, de crescer. Se mesmo em condições desfavoráveis houve mudança, imaginem em um ambiente propício para o crescimento, como em uma sala de aula.

Indica ainda Pinto que “[...] quando são proporcionadas condições facilitadoras para que a pessoa se autodirija, ela tende a buscar uma harmonia interna e, em consequência, buscar uma harmonia com o seu meio” (PINTO, 2010, p. 63). Compreendemos que as atitudes facilitadoras para o

crescimento ou desenvolvimento pessoal fazem parte de todo o contexto vivido da abordagem, e que devem ser tidas como valores que os psicoterapeutas, educadores e quem se propõe a vivenciá-la deve incorporar ao seu fazer, mas não como técnicas, o que fugiria a proposta.

Alguns princípios e posturas são fundamentais aos facilitadores para que haja um processo de crescimento. A compreensão empática ou empatia, que como visto anteriormente é a capacidade de se aproximar do outro, para compreender sua vivência, o que se passa com ele, buscar compreendê-lo a partir de sua referência, sem perder a condição “como se”.

A congruência, chamada também de autenticidade ou genuinidade, que é a capacidade do terapeuta ser autêntico aos seus sentimentos, comunicar ao cliente o que sente, de forma delicada, porém, genuína (PINTO, 2010).

Aceitar o outro como ele é, com todas as suas questões e vivências, refere-se à consideração ou aceitação incondicional positiva. Segundo Rogers (2019, p. 326) “[...] a aceitação implica que se veja o cliente como uma pessoa independente, permitindo-lhe experimentar os seus próprios sentimentos e descobrir o que a sua experiência significa”.

Resta-nos indagar, se estes processos ocorrem apenas em psicoterapia de forma efetiva. Será que em uma sala de aula ou outros campos da vida é possível que haja transformação pessoal? Para Amatuzzi (2008), a vida é um processo de transformação pessoal, ou pelo menos deveria ser, que podem acontecer a partir de mudanças no corpo físico, por exemplo, ou ambientais, como nas nossas relações pessoais e em uma sala de aula: “A pessoa pode tomar um novo rumo na vida a partir de encontros significativos” (AMATUZZI, 2008, p. 125).

De acordo com Rogers (1977) todos os seres humanos são dotados de potencialidades e para aprender não é diferente, mas isto requer um esforço, não apenas do aluno, como também do sistema educacional. Essas potencialidades podem ser facilitadas quando se oferece as condições necessárias, favorecendo uma aprendizagem significativa, que ocorre quando o que é estudado se relaciona com a vivência e objetivos do aluno. Deveria ser permitido ao aluno ter um contato real com seus problemas para tomar consciência deles, a fim de decidir as questões que pretende resolver (ROGERS, 2019).

Com a publicação de *Liberdade para Aprender*, Rogers mostrou que a autenticidade é a mais importante das atitudes na relação professor-aluno. O facilitador ao se permitir ser uma pessoa real, comunicar seus sentimentos e percepções, apresentando-se como se é, poderá certamente oportunizar um encontro pessoal direto com o aprendiz, um encontro de pessoa para pessoa, uma relação horizontal (ROGERS, 1972).

Na aprendizagem é muito importante que haja facilitação e para isto ocorrer é necessário que o professor seja congruente, que tenha consciência das suas atitudes, assim poderá tornar-se uma pessoa real na sua relação com os alunos (ROGERS, 2019). Ainda de acordo com o autor, se o professor é capaz de aceitar o aluno, com todos os aspectos e características que este apresenta, compreender os

sentimentos que ele manifesta considerando-o de forma positiva e incondicional em uma relação empática, é muito provável que os medos, expectativas e desânimos frente a uma nova matéria, por exemplo, sejam encarados de forma construtiva onde possa ser estabelecida as condições necessárias para a aprendizagem: “O apreço ou aceitação do facilitador em relação ao aprendiz é uma expressão operacional na sua essencial confiança e crédito na capacidade do homem como ser vivo” (ROGERS, 1972, p. 109).

Rogers (2019) traz como motivo primordial, que consiste no desenvolvimento de uma relação pessoal com os alunos, um clima em que se permita naturalmente a realização das tendências autorrealizadoras e Zimring (2010), diz que se há confiança na potencialidade do ser, é importante apresentar oportunidades e permitir que ele escolha seu caminho e as diretrizes da sua aprendizagem.

Seguindo as reflexões de Zimring (2010) é fundamental que o professor apresente todos os recursos possíveis ao aluno, tantos os recursos físicos, teóricos e psicológicos para facilitar a aprendizagem e compreender que estes recursos devem ser dispostos, não impostos.

## **A EMPATIA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM**

Para a educação tradicional a aprendizagem é um ordenado de atividades cognitivas que funcionam de forma lógica e linear. Este é o modelo que normalmente nossas escolas e faculdades tem aceitado e proporcionado aos alunos, ideias e conceitos claros, muitas vezes ignorando o todo dos indivíduos ou outra forma de oportunizar uma aprendizagem criativa, não apenas lógica e intuitiva (ZIMRING, 2010)

Devido a necessidade de mudança é primordial começarmos a olhar em uma outra direção sobre o que a aprendizagem pode oferecer. Uma aprendizagem que tenha significado e não apenas a memorização de conteúdos impostos, para que quem aprende seja integrante ativo dessa experiência em sua totalidade.

De acordo com Insfran (2016) comumente usa-se as fases do desenvolvimento como um guia ou protocolo cognitivo na prática pedagógica, se uma criança, por exemplo, de dois anos e meio não desenvolve ainda a fala, esta é submetida a exames neurológicos porque ela foge aos padrões impostos e cria-se um rótulo e estigmas sobre ela, impedindo-a que avance de acordo com seus interesses e seu momento próprio. Rogers (1972) foi pontual ao afirmar que em uma sala de aula usual é difícil encontrar o movimento de colocar-se na situação do outro, de olhar pelas perspectivas do aluno, mas quando o professor percebe de forma sensível como o aluno vê o seu próprio processo de aprendizagem, de forma empática, aumentam as probabilidades de uma aprendizagem significativa e é visível um enorme efeito de libertação.

Há dois tipos de aprendizagem, segundo Zimring (2010), uma intelectual e outra significativa. A primeira refere-se

apenas a mente, ao raciocínio puro, sem levar em consideração os aspectos emocionais, e a significativa refere-se ao sentido vivenciado pelo aluno no seu processo de aprendizagem. É esta aprendizagem que Rogers defendia e tanto estudou e acreditava que mudanças poderiam ocorrer, seja no comportamento, nas atitudes ou na personalidade do indivíduo (ROGERS, 2019)

Souza, Lopes e Silva (2013), defendem que qualquer pessoa pode aprender de forma significativa com a aprendizagem centrada na pessoa e assim tornar-se capaz de se adaptar às mudanças que poderão ocorrer em suas vidas, independentemente de haver limitações cognitivas ou biológicas, pois onde houver um ser, há movimento, mudanças e possibilidades. Ainda de acordo com os autores, como todos podem aprender algo um com o outro, quando o professor se permite relacionar com empatia com seus alunos, com respeito e aceitação, se reinventando e aprendendo a aprender, o crescimento próprio é de ambos.

Segundo Repetto (2020), uma educação centrada no aluno busca compreender todos os aspectos de sua personalidade e a promover um desenvolvimento pleno, para quando este precisar se adaptar, possuirá as habilidades necessárias para construir de forma livre e pessoal seus conhecimentos. Complementa dizendo, que por mais que haja muitas dificuldades em ser professor, o vínculo que essas relações fortalecidas e incondicionalmente positivas com os alunos é o que contribui para um sentido humano e amoroso ao fazer educação.

Assim, quando um encontro é marcado por vínculos, de pessoa para pessoa e não apenas por conteúdos curriculares, surge a abertura para relações autênticas, oportunizando a reciprocidade e a construção de um processo de autoconhecimento dos alunos (OLMOS, 2016).

Um grande exemplo de que uma educação centrada no aluno com todos esses recursos que facilitam a relação, é a The Angel's School no Chile. Fundada em 1984 por Eric Troncoso, uma casa-escola onde vivia com sua esposa Anita Repetto e seus dois filhos em Santiago, era definida pelo fundador e diretor como um “apêndice pedagógico” por haver um número pequeno de estudantes (REPETTO, 2020). Foram anos lutando pelo projeto desta escola humanamente orientada e baseada nos pressupostos de Carl Rogers, que hoje conta com 720 alunos e 20 gerações de alunos do quarto ano se formaram na The Angel's segundo o site da escola, e nos mostra que é possível uma educação significativa nestes moldes.

Há um programa chamado Escolas Transformadoras de iniciativa de uma organização global (Ashoka) em que participam empreendedores sociais do mundo todo. Teve início em 2009 nos Estados Unidos e hoje forma uma rede com mais de 270 escolas, 21 delas no Brasil. Segundo o site do programa, o objetivo é muito mais que repensar o currículo educacional das escolas, é buscar por mudanças significativas na educação, junto com toda a comunidade e juntos mostrar que uma educação praticada com empatia, com trabalho em equipe, criatividade e protagonismo pode ser agente poderoso de transformações sociais positivas.

Este programa não está diretamente ligado aos pressupostos da ACP, como a The Angel's School, mas caminha lado a lado com uma proposta de mudança efetiva das relações e currículo educacionais, mostrando que é necessário pensar em uma educação empática.

Isso significa que não há melhor momento para desafiar o paradigma atual da educação, que ainda prepara as novas gerações para um modelo hierárquico, vertical, dividido em áreas e departamentos do saber. (BASSI, 2016, p. 10).

Em Rogers (1972), percebemos que uma aprendizagem significativa é aquela em que o estudante participa ativamente da construção do ensino, que ao estudar uma matéria, por exemplo, esta contenha informações e se relacione com o que ele experimenta, com seus próprios objetivos, e implicações para uma manutenção ou elevação de si mesmo.

Parece importante ressaltar que tal aprendizagem significativa, auto iniciada, experiencial é possível, que é viável em situações educacionais nitidamente diversas, e que dá origem a 'aprendizes' autoconfiantes. (ROGERS, 1972, p. 9).

Tão importante como a matemática e o ensino das línguas é a empatia e tantas outras competências, como a criatividade, o protagonismo social e o trabalho em equipe que ainda não são desconsideradas pelas escolas, professores e famílias. É chegada a hora de compreender e buscar essas competências para que as relações de ensino sejam mais humanas e valorizadas. Em tempos em que o individualismo é tão predominante, é fundamental cultivar um olhar empático em relação a si e ao outro.

Acreditamos que existe um futuro possível, onde as pessoas possam viver [...] baseadas numa abordagem centrada na pessoa, onde a capacidade de empatia será fundamental para este processo de mudança. (TASSINARI, 2019, p. 11).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com educação atualmente, é um grande desafio em um país onde governantes a veem como desnecessária e a qualquer custo tentam retirar recursos destinados à sua manutenção e desenvolvimento. É uma luta diária para os que se comprometem a construir uma educação digna e de qualidade. Entre tantos aspectos que influenciam para que haja uma aprendizagem real e mais efetiva, a empatia encontra-se como uma das bases das relações que permeiam este campo.

Diante disto, foi possível verificar resultados positivos relacionados a empatia nas relações de ensino, onde a aprendizagem significativa influencia o comportamento e o desenvolvimento do ser. Muito mais que auxiliar no desenvolvimento de habilidades cognitivas, a escola deve fornecer instrumentos para os professores facilitarem o

processo de ensino e aprendizagem dos alunos, levando em conta toda sua subjetividade, vivências e interesses.

Pode parecer muito pretencioso ou idealizado um modelo de ensino com essas bases, mas ele é possível e a The Angel's School no Chile a mais de 30 anos vem contribuindo para a formação de seus alunos com uma proposta de ensino centrado no aluno, tendo como base as contribuições de Carl Rogers. É um desafio enorme pensar neste jeito de fazer educação, e um trabalho extenso por parte de toda a comunidade escolar para que um dia possamos alcançar resultados tão satisfatórios como tal. Daí a importância de se começar a refletir a forma como as relações entre professores e alunos podem interferir nessas mudanças. É um passo significativo para que esse jeito de fazer dê certo e é necessário que toda a escola esteja disposta a repensar o currículo e as estruturas organizacionais.

Deste modo, foram alcançados os objetivos deste estudo bem como sua hipótese confirmada, uma vez que uma Abordagem Centrada na Pessoa contribuiu de forma significativa com a compreensão de empatia e com seus pressupostos básicos atribuídos à educação. E mais importante é a verificação de que uma relação de ensino construída através da empatia pode haver mudanças positivas no processo de ensino e aprendizagem e em como essas relações são vivenciadas de forma mais criativa, mais participativa e que promova o crescimento, tanto do aluno como do professor, favorecendo assim um espaço de maior compreensão e trocas mais efetivas.

## REFERÊNCIAS

- AMATUZZI, M. M. **Por uma psicologia humana**. 2ª Ed. Campinas, SP: Editora Alinea, 2008.
- AMATUZZI, M. M. **Rogers: ética humanista e psicoterapia**. 2ª Ed. Campinas, SP: Editora Alinea, 2012.
- ASHOKA BRASIL. **Escolas transformadoras**. Sobre. Disponível em: <https://escolastransformadoras.com.br/o-programa/sobre/>. Acesso em: 16 de set. de 2020.
- BASSI, F. **A importância da empatia na educação**. São Paulo: Instituto Alana, 2016.
- CARRENHO, E; TASSINARI, M; PINTO, M. A. **Praticando a Abordagem Centrada na Pessoa: dúvidas e perguntas mais frequentes**. São Paulo: Carrenho Editorial, 2010.
- DE SOUZA, M. V. L.; LOPES, E. S.; DA SILVA, L. L. Aprendizagem significativa na relação professor-aluno. **Revista de Ciências Humanas**, n. 2, 2013.
- GERHARDT, T. E., SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Ed. UFRGS. 1ª ed. 2009.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008
- INSFRAN, F. F. N.; LOPES, J. C. **Educação Centrada em Estudantes: práticas e conversações**. Curitiba: CRV, 2020.

INSFRAN, F. F. N. Empatia na educação: buscando a superação de antigos entraves à experiências significativas de aprendizagem. *In: TARSSINARI, M. A; DURANGE, W.*

**Empatia: a capacidade de dar luz à dignidade humana.** Curitiba: CRV, 2019. p. 61-83.

NERYS, A. Empatia: a História na história. *In: TARSSINARI, M. A; DURANGE, W.* **Empatia: a capacidade de dar luz à dignidade humana.** Curitiba: CRV, 2019. p. 23 – 35.

O'HARA, M. Abertura à empatia: um modo de ser desvalorizado. *In: TARSSINARI, M. A; DURANGE, W.* **Empatia: a capacidade de dar luz à dignidade humana.** Curitiba: CRV, 2019. p. 15 - 22.

OLMOS, A. Empatia: algumas reflexões. *In: A importância da empatia na educação.* São Paulo: Instituto Alana, 2016. p. 24 – 31.

PINTO, M. A. S. **Encontro ACP.** Por um homem melhor. Disponível em: <https://encontroacp.com.br/material/entrevistas/entrevista-carlrogers/>. Acesso em: 10 out. 2020.

PINTO, M. A. S. Abordagem centrada na pessoa e seus princípios. *In: CARRENHO, E; TASSINARI, M; PINTO, M. A. S.* **Praticando a abordagem centrada na pessoa: Dúvidas e perguntas mais frequentes.** São Paulo: Carrenho Editorial, 2010. p. 57 - 93.

PIRES, M. F.; ROAZZI, Antonio. Empatia e sua avaliação: considerações teóricas e metodológicas. **Revista Amazônica**, v. 17, n. 1, p. 158-172, 2016.

ROGERS, C. R. et al. **A theory of therapy, personality, and interpersonal relationships:** As developed in the client-centered framework. New York: McGraw-Hill, 1959.

ROGERS, C. R. **Liberdade para aprender.** Belo Horizonte: Interlivros, 1972.

ROGERS, C. R.; KINGET, G. M. **Psicoterapia e relações humanas.** Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa.** São Paulo: WWF Martins Fontes, 2019.

ROGERS, C. R; ROSENBERG, R. L. Uma maneira negligenciada de ser: a maneira empática. *In: A pessoa como centro.* São Paulo: EPU, 1977.

SAMPAIO, L. R; CAMINO, C. P. S; ROAZZI, A. Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 29, n. 2, p. 212-227, 2009.

TARSSINARI, M. A; DURANGE, W. **Empatia: a capacidade de dar luz à dignidade humana.** Curitiba: CRV, 2019.

THE ANGEL'S SCHOOL. **The angel's school.** História. Disponível em: <https://www.theangels.cl/historia-the-angels-school.html>. Acesso em: 16 set. 2020.

WISPÉ, L. The distinction between sympathy and empathy: To call forth a concept, a word is needed. **Journal of personality and social psychology**, v. 50, n. 2, p. 314, 1986.

ZIMRING, F. **Carl Rogers.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.